

Joana D'Arc, da diabolização à canonização

Camila Ambrosini¹

Introdução

Ao longo dos séculos a literatura se utilizou ricamente de personagens históricos no desenvolvimento de suas obras literárias, atribuindo-lhes ora uma pitada de romance, ora de fantasia, ora de ação ou, ainda, de suspense. A exemplo da princesa Anastásia, filha do último czar russo, Nicolau II, que, após a renúncia do pai ao seu impopular governo russo, em 1917, foi raptada juntamente com toda a família. Contudo, diferente de seus entes que logo foram declarados mortos, o corpo da jovem monarca nunca foi encontrado, despertando o interesse da população russa, gerando lendas e dando abertura para que uma série de livros sobre Anastásia fossem escritos, os quais posteriormente geraram inclusive obras cinematográficas, como a animação musical produzida e lançada pela Fox em 1997, *Anastasia*².

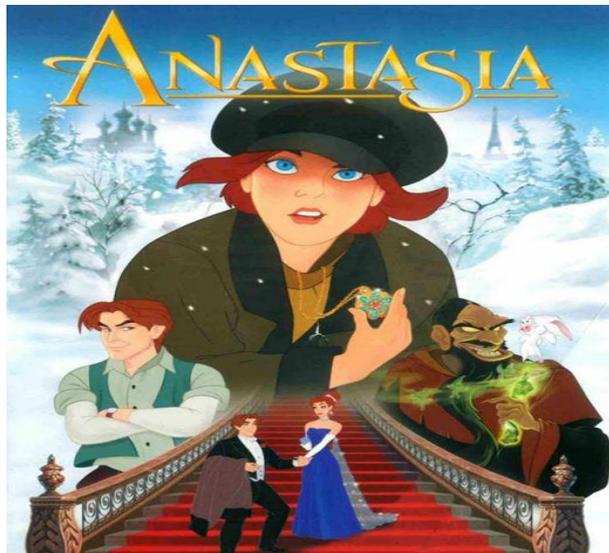


Figura 1 - Pôster do filme *Anastasia* (1997). Fonte: adorocinema.com.

¹ Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, linha de Textualidades Híbridas, campo de concentração em Teopoética. Endereço eletrônico: camila.ambrosini@hotmail.com.

² No filme é narrada a história da princesa perdida, filha do último czar russo que, criada em um orfanato, decide fugir e sair à procura de sua família, sendo perseguida por um vilão com poderes sobrenaturais ao longo de sua jornada de autoconhecimento e de descobrimento do amor.

Outro caso que infelizmente serve como substrato para produções literárias é o do líder nazista, Adolf Hitler, responsável pelo extermínio de pelo menos 6 milhões de judeus, isso sem contabilizar de forma mais concreta os deficientes e homossexuais também por ele eliminados durante o período do Terceiro Reich (1933 – 1945). Vale ressaltar, no entanto, que boa parte das obras literárias inspiradas no Führer não economizam na hora de representá-lo como realmente foi: um gênio do mal, um monstro, um assassino. E, quando não o retratam diretamente, os personagens nele baseados são puro mal, como nota-se na série literária *Harry Potter*³ (1997 – 2007), de autoria de J.K. Rowling, a partir do personagem Lord Voldemort, também conhecido como Aquele-que-não-deve-ser-nomeado. Assim como Hitler, o Lord das Trevas almejava criar uma raça bruxa pura, eliminando da comunidade bruxóica toda pessoa que, mesmo possuindo magia, fosse de origem trouxa (humana) e não economizando violência no intuito de alcançar seu objetivo.



Figura 2 - Lord Voldemort em *Harry Potter e as Relíquias da Morte - parte 2*. Fonte: corujacorreo.blogspot.com.br.

Todavia, não é apenas bebendo na fonte de figuras históricas que a literatura desenvolve suas narrativas, mas também de outras produções literárias, como a

³ A saga narra a história do jovem bruxo Harry Potter em sua jornada pela salvação do mundo bruxo da varinha do maior vilão que ele já conheceu: Lord Voldemort, um bruxo das trevas que, obstinado em conquistar o que deseja, a purificação do universo bruxóico, vai deixando um rastro de sangue e mortes por onde passa.

Bíblia, obra basilar do Cristianismo, visto ser literária simultaneamente em que é teológica, e um dos cânones da literatura ocidental. Recheada de personagens e narrativas literárias aliadas a acontecimentos históricos, a *Bíblia* une realidade e fantasia. “Em toda a narrativa bíblica, e em boa parte da poesia bíblica, o domínio no qual a invenção literária e a imaginação religiosa estão unidas é história” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 29).

O livro sagrado para o Cristianismo, contudo, embora seja primeiramente literário, costuma ser visto pela sociedade em geral como algo estritamente religioso, sem ligação nenhuma com a literatura. E isso não é recente! Desde o estabelecimento da institucionalização cristã tal prática é adotada pela humanidade, a qual muitas vezes já chegou a matar em nome de dogmas religiosos muitas vezes distantes do escrito nos textos bíblicos, a exemplo do período conhecido como Idade Média (séc. V – XV), em que foi estabelecido um tribunal religioso denominado de Santa Inquisição para julgar possíveis casos de bruxaria e de heresia, os quais normalmente terminavam com pessoas, sobretudo mulheres, queimadas, degoladas ou enforcadas em praça pública, como ocorrido com Joana D’Arc, incendiada até a morte como penalização por ser herege, visto liderar um exército de homens em nome de um Deus e de uma igreja em que acreditou até o seu último suspiro.



Figura 3 – Pintura representando Joana D’Arc. Fonte: sitedecuriosidades.com.

D’Arc, apesar de ter sido silenciada em uma grande fogueira, também tornou-se inspiração para uma série de obras literárias, assim como personagens meramente históricos, no seu caso, contudo, por se tratar de uma figura feminina relacionada a uma sociedade cristã, patriarcal e machista, levou muito mais tempo para que um reconhecimento de todo o seu trabalho – não apenas em âmbito literário – finalmente ocorresse (como veremos a seguir), ao contrário do que se percebe em relação às personas bíblicas ou religiosas masculinas, que constante e incansavelmente são retratadas na literatura, no cinema, nas artes plásticas, a exemplo de Judas Iscariotes, de Jesus, de Deus, fontes de incontáveis criações artísticas.

Joana D’Arc: de herege a santa

Joana D’Arc, também conhecida como Donzela de Orleans, nasceu em 06 de janeiro do ano de 1412, na França, num período marcado por constantes conflitos bélicos resultantes da guerra por poder travada entre França e Inglaterra, hoje conhecida como Guerra dos Cem Anos. Desde cedo a menina foi uma devota fiel ao cristianismo e, mais do que isso, a Deus. Desejava constantemente estar em sua presença e se comunicar com Ele, tendo suas preces atendidas quando tinha em torno de 13 anos de idade, momento em que passou a ter visões nas quais acreditava receber mensagens divinas, chegando a visualizar e a se comunicar diretamente com Deus.

Ainda muito jovem perde a família, quando sua vila é massacrada por soldados ingleses, e desde então suas visões aumentam ainda mais. Em um de seus contatos divinos, recebe a missão de salvar a França da Inglaterra, que até então ganhava a guerra, tornando-se o milagre de que os franceses necessitavam: mulher, pura, virgem, devota, guerreira. Faltava apenas convencer à realeza de que não era uma vidente charlatã e nem tampouco uma louca com sede de vingança, coisa que fez aproximadamente em 1429, aos 17 anos, quando finalmente encontrou Delfim Carlos, o futuro rei da França – posteriormente intitulado Rei Carlos VII.

Após ser testada pelo monarca, que colocou um sócio em seu lugar, Joana D’Arc reconheceu Delfim em meio à multidão e o convenceu de que era de fato uma vidente. Teste pelo qual provavelmente um homem que se autodenominasse vidente

não fosse submetido, afinal a palavra de uma mulher sempre foi questionada, como ainda o é.

A Donzela descreveu suas visões sobre a região de Orleans, o coroamento do futuro de rei e a vontade divina para que os franceses tivessem êxito nessa parte da Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Crente em sua palavra, a realeza acata seus conselhos e permite que Joana D'Arc lidere o seu exército, o qual sai vitorioso. Todavia, para conquistar o respeito dos soldados franceses por ela liderados, D'Arc precisa se masculinizar, trajando armadura feita para homens e cortando seus cabelos, visto mulheres não serem aceitas em campos de batalha e, menos ainda, dando ordens a homens, os quais até hoje, em diversas situações, sobretudo os heterossexuais, costumam se achar superiores a mulheres, a homossexuais, a transgêneros, a travestis.

Embora carregasse uma espada, diz-se que a Donzela de Orleans jamais desferiu um golpe sequer contra um soldado inimigo. Do contrário, sua era a bandeira branca que carregava constantemente consigo, enquanto liderava os homens em campo de batalha.



Figura 4 - Joana D'Arc liderando uma batalha. Fonte: emaze.com

A missão de Joana D'Arc, porém, não se resumia a coroar o Delfim Carlos ou servir-lhe no domínio da cidade de Orleans, até então ocupada por ingleses. Deus ordenou que a Donzela libertasse a França de todo e qualquer domínio por parte da Inglaterra, tornando-a a maior potência europeia do período. Ordem essa que culminou em seu fim, posto que, tendo alcançado seus objetivos, o Rei Carlos VII,

tratou de desfazer-se de quem não necessitava mais: Joana D'Arc, a vidente, virgem e guerreira que utilizou tanto em benefício próprio como para agradar ao povo, que precisava de um símbolo de fé em tempos de guerra.

Entretanto, o abandono da realeza foi sutil, pois os monarcas não queriam comprometer sua popularidade, contudo também não desejavam que uma mulher obtivesse mais clamor popular que eles. Desse modo, Delfim Carlos não retirou todo o seu apoio à Donzela de Orleans, mas deixou-lhe com um número tão reduzido de soldados que, embora contasse com o incentivo popular, acabou sendo derrotada, raptada e presa pelos inimigos.



Figura 5 - Joana D'Arc presa. Fonte: mundoestranho.abril.com.br.

Durante o período em que esteve sob o domínio da Inquisição, Joana D'Arc foi retratada como charlatã, louca, incapaz devido a ser mulher, ridicularizada em virtude de sua crença e até mesmo acusada de bruxaria e de heresia. O tribunal inquisidor lhe fez 70 acusações distintas, incluindo negação a Deus e assassinato. E, prestes a morrer, a própria moça acabou duvidando de sua fé e questionando se realmente possuía visões divinas. Todavia a Donzela de Orleans foi incriminada, julgada e sentenciada em função de uma única coisa: liderar um exército trajando vestes masculinas. Deveria a ausência de um pênis contar mais do que uma crença sincera e uma excelente liderança bélica? Mais do que isso! Deveria importar o fato de Joana D'Arc batalhar travestida? Aliás, deveria ainda hoje haver tanta LGBTTTTfobia e machismo? Os séculos passaram, mas parece que continuamos a viver na Idade Média...

Segundo Minois (2014, p. 14),

[...] longe de ignorar a sociedade real e dela fazer abstração, a religião é a sua imagem; reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e os mais repugnantes. [...] As forças religiosas, enraizadas na sociedade, são interiorizadas pelos indivíduos, que as associam a sua vida íntima.

Desse modo, é possível afirmar que, para além de vítima de uma igreja patriarcal e machista, Joana D'Arc foi julgada, sentenciada e queimada viva por uma sociedade que insistia em inferiorizar a mulher, impossibilitando-lhe, inclusive, a aprendizagem de leitura e da escrita, o uso de calças, o direito de expressar sua fé, o domínio do próprio corpo. Quantas Joanas ainda precisarão morrer?



Figura 6 - Joana D'Arc, queimada viva pela Inquisição. Fonte: mundoestranho.abril.com.br.

No ano de 1456, três anos após o término da Guerra dos Cem Anos, da qual a França, como havia predito Joana D'Arc, saiu vitoriosa, o Rei Carlos VII solicitou que a Igreja Católica reavaliasse o caso da Donzela de Orleans, conseguindo sua absolvição. Embora a atitude inicialmente possa parecer ligada a arrependimento ou bondade, a verdade é que o monarca não queria o seu nome associado a uma herege, assumindo, portanto, uma postura totalmente política ao pedir a revisão do julgamento.

Apenas cerca de cinco séculos depois, em 1909, a heroína francesa foi beatificada, e no ano de 1920 o Papa Bento XV a canonizou. Assim, Joana D'Arc se

tornou santa pela mesma instituição que, enquanto viva, traiu-a, dando-lhe as costas e, mais do que isso, condenando-a às chamas de uma fogueira por ter cometido um único crime: ser mulher.

Joana D’Arc: heroína literária

Mártir do Cristianismo, D’Arc, por conta de sua transgressão ao liderar um exército em plena Idade Média sendo uma mulher, pode ser considerada um dos símbolos do feminismo, inclusive na literatura. Por conta disso, não são poucas as obras em que ela é utilizada como musa inspiradora para a criação de personagens femininas marcantes e batalhadoras, de crenças inabaláveis e forte desejo de conquistar seus objetivos e concluir suas jornadas.



Figura 7 - Brienne of Tarh. Fonte: imgur.com.

Dentre tantas figuras marcantes originadas com base em Joana D’Arc, Brienne of Tarth, criada por George R. R. Martin, é uma das personagens constantes na saga literária das *Crônicas de Gelo e Fogo*, publicadas desde 1996 e atualmente também seriado televisivo. Considerada pelos fãs das mais variadas partes do mundo como umas das mulheres mais icônicas da série, Brienne, assim como a Donzela de Orleans, é uma guerreira que vive em um universo semelhante ao da Idade Média. Em função disso, não faz uso de vestes femininas, mas sim

armadura. Ademais, assim como D'Arc foi extremamente leal ao então futuro rei francês, Brienne apresenta lealdade inquestionável à família Stark, que luta com outros clãs pelo trono de ferro. Além disso, Brienne ainda é casta, priorizando a missão que acredita ter recebido, assim como Joana D'Arc o fez.

A série literária *Jogos vorazes*, de autoria de Suzanne Collins, com o primeiro livro publicado no Brasil em 2009, também tem por inspiração a Donzela de Orleans. Sua protagonista, Katniss Everdeen, é uma heroína adolescente que, assim como Joana D'Arc, se dispõe a salvar a sociedade das mãos do opressor.



Figura 8 - Katniss Everdeen, heroína de *Jogos Vorazes*. Fonte: bustle.com.

Para tanto, Everdeen lidera um exército, tal como fez D'Arc, fazendo uso de uma série de estratégias a todo momento, visando sempre o bem da população, encontrada em estado de sofrimento e escravização.

Outra obra que bebe da fonte produzida pela história de Joana D'Arc é a criada pela escritora brasileira Janaína Leitão, lançada no ano de 2016 e intitulada *Joana Princesa*.

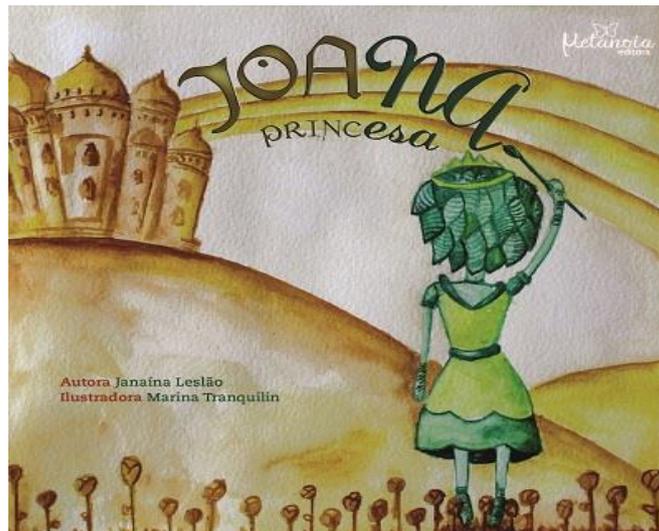


Figura 9 - Capa do livro *Joana Princesa*. Fonte: metanoiaeditora.com.

Primeiro conto de fadas nacional a narrar a história de uma princesa transgênero, traz uma protagonista inspirada na Donzela de Orleans, Joana, uma princesa que em seu aniversário de 7 anos diz que, como presente, gostaria que todos do reino passassem a chamá-la de Joana, já que se sente uma menina, ainda que os outros possam não perceber isso, afinal nasceu do gênero feminino. Obstinate a realizar o seu sonho, parte à procura de um arco-íris mágico que, segundo uma lenda, é capaz de transformar garotos em garotas e vice e versa.

Considerações finais

Não são poucas as Joanas D’Arc’s que, para além da religião e da literatura, travam batalhas diariamente em nossa sociedade, principalmente mediante tantos retrocessos, como a insistência em uma aprovação para a “cura gay” e criminalização total do aborto, e a Idade Média que insiste em se reaproximar.

Em pleno século XXI não deveríamos nos preocupar com julgamentos inquisidores e nem com caça às bruxas ou heresias; mas em sermos realmente livres para optarmos por ser ou não hereges, bruxas, Brienne of Tarth, Katniss Everdeen, Joana Princesa, Joana D’Arc, santa ou demônia, literária ou real.

Referências

ALBUQUERQUE, Camila. Santa Inquisição da Igreja Católica. In: Estudo Prático. <<https://www.estudopratico.com.br/santa-inquisicao-da-igreja-catolica/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução Raul Fiker, edição 1. São Paulo: Edunesp, 1997.

BARGAS, Diego. A princesa Anastásia escapou da Revolução Russa? In: Mundo Estranho, 2017. < <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/teoria-da-conspiracao-a-princesa-anastasia-escapou-da-revolucao-russa/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CORDEIRO, Thiago. Joana D'Arc. In: *30 mulheres que mudaram a história*. Volume 1, número 1, edição 199-A, São Paulo, p. 24-25, 2017.

FONSECA, Marcelo da. Pelo menos 6 milhões de judeus foram exterminados pelo nazismo. In: EM, 2014. < https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/11/23/interna_nacional,592661/pelo-menos-6-milhoes-de-judeus-foram-exterminados-pelo-nazismo.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2018.

MINOIS, Georges. *História do Ateísmo*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros, edição 1. São Paulo: UNESP, 2014.

SAYURI, Juliana. Quem foi Joana D'Arc? In: Mundo Estranho, 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-foi-joana-darc/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.